



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

## **10   RELAÇÕES DIPLOMATICAS**

AGRADECIMENTO AO CORPO DIPLOMATICO  
NO BANQUETE COM QUE HOMENAGEOU O  
PRESIDENTE CASTELLO BRANCO, NO COPACA-  
EANA PALACE HOTEL, EM 12 DE MARÇO  
DE 1967.

Sensibilizaram-me profundamente as palavras com que Vossa Excelência Reverendíssima, Senhor Núncio Apostólico, Decano do Corpo Diplomático, situou este nosso encontro num dos últimos dias de minha permanência à frente do Governo brasileiro. Recebo-as, bem como o generoso gesto do Corpo Diplomático, como homenagem que, dirigida à minha pessoa, exprime expressivo tributo de amizade e de solidariedade ao meu País, interpretando, numa justa medida de apreço e cooperação, a manifestação coletiva ensejada por este momento.

Puderam Vossas Excelências testemunhar, Senhores Chefes de Missão, os esforços que meu Governo, como de seu dever, envidou no sentido de colaborar com cada qual, procurando honrar em Vossas Excelências as Nações amigas que representam. Dedicou este Governo toda atenção ao trato das relações diplomáticas, com boa vontade em relação a todos os países amigos, sem malícia ou discriminação para qualquer deles, vitalizando, assim, francas e decididas negociações de ordem financeira e econômica, que nos conduziram a realizações fecundas e mais nos aproximaram dos Governos que, no mesmo espírito, se tornaram parceiros desinteressados da obra de dinamização dos recursos econômicos do Brasil.

Se participamos, ativamente, sobretudo movidos por imperativos geográficos e históricos, na comunidade continental americana, a verdade é que, por outro lado, temos buscado, no foro das Nações Unidas, nos organismos de Genebra, ou nos contatos

bilaterais, estreitar relações com os países de todas as partes do mundo, numa inspiração universalista, corolário da nossa formação.

Jamais descurou o meu Governo do propósito perseverante de fazer do Brasil, como tem ocorrido em todos os tempos, um infatigável servidor da paz e da aproximação entre os povos. Na realidade, sempre fomos um povo pacífico, votado à fraternidade universal. Mas, hoje, mais do que isso, temos a consciência de que a paz não é apenas um bem inestimável, já que a guerra, e até mesmo a vitória, a nenhum povo poderia salvaguardar. Assim, poderemos dizer que a paz deixou de ser apenas um objetivo, para se tornar um imperativo. Daí o esforço que nos cumpre realizar para que em lugar da história de cada povo, por mais bela ou gloriosa, nos seja dada, no futuro, a suprema ventura de podermos escrever uma única história — a história da humanidade, das suas conquistas científicas, dos seus progressos econômicos, dos seus avanços no sentido da solidariedade, da compreensão e da tolerância entre todos os povos.

Justo é confessar que nesse alto desiderato não nos tem faltado a nobre e pressurosa colaboração dos países representados por Vossas Excelências. E é-me grato proclamar o reconhecimento do Brasil pelo recente apoio recebido, ainda há poucas semanas, e traduzido no auspicioso e significativo movimento que nos conduziu, por expressiva quase unanimidade, ao Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Vossa Excelência Reverendíssima, Senhor Núncio Apostólico, cuja calorosa eloquência tanto ilumina esta festa, assinalou a feliz e fecunda solidariedade entre as Nações aqui representadas e o Brasil. De minha parte, considere e considero dever do Chefe de Estado dirigir a política internacional em função do progresso de seu país, numa interpenetração com o de outros, sem distinção de Continentes. É que nenhuma nação pode atualmente permanecer confinada em fórmulas estreitas que bem pouco significam para o povo que dirige e nada contribuem para a aproximação com outros povos.

O que importa é uma política orientada pelo bem-estar geral da humanidade e pela paz entre as nações. Pois em nossos dias,

como o atestam tantos esforços no sentido de reduzir as diferenças entre os povos, já não podemos conceber a deusa da prosperidade voltada para uns e esquecida de outras. E se algum ideal nos deve animar, por mais remoto que o consideremos, é que caminhemos para nos tornar um mundo só. E, felizmente, em todos e em cada uma de Vossas Excelências, Senhores Chefes de Missão, encontrei a lúcida inteligência desses propósitos.

Foram Vossas Excelências, para meu Governo, elemento essencial de compreensão, de ajuda, de espírito construtivo e, nesse particular, acentuo jubiloso o alto sentido de entendimento realizado, entendimento feito a um tempo de idealismo e de senso prático e, assim, fadado a resultados particularmente proveitosos para todos nós.

Esta reunião constitui para mim, pela sua excepcionalidade, um marco singular em nossa convivência. Se sublinhei aquilo que de direito cabe a Vossas Excelências na obra que juntos realizamos, é justo que também recorde o papel que no trabalho comum desempenharam os dois Chanceleres do meu Governo: o Embaixador Vasco Leitão da Cunha, diplomata de carreira do melhor quilate, universal no conhecimento da política, infatigável na iniciativa e perfeito no patriotismo; e o Embaixador Juracy Magalhães, homem de Estado que deu toda a sua existência ao País e que soube dirigir o Itamaraty com as luzes de sua inteligência, de sua experiência e de seu espírito firme e agudo, tal como sempre o fez em sua longa carreira dedicada ao serviço do Brasil.

A eloquência do intérprete que Vossas Excelências escolheram não apenas me sensibilizou: ela foi edificante e esclarecedora, pelos sentimentos que fluíram, pelos conceitos que a elevaram, pelas idéias criadoras que semeou. Desde os propósitos de paz entre os povos até ao voto pela serena felicidade do povo brasileiro. São palavras que traduzem o espírito nobre do ilustre prelado que as concebeu e bem refletem as suas inspirações de homem de boa vontade e de cidadão do mundo. Não me enganarei, afirmando sentir que essas palavras vieram não apenas do cérebro e do coração de quem as proferiu, mas por igual da inteligência e do sentimento de todos os Chefes de Missão que hoje aqui se

congregam para demonstrar ao Governo brasileiro sua amizade e seus intuitos de leal cooperação.

Estou certo de que essa amizade e essa cooperação continuarão a ser tributadas ao Governo que em pouco se iniciará e que permanecerão de pé, firmes, sempre robustecidas e renovadas, as inspirações dinâmicas que nos impulsionaram nestes trinta e cinco meses, em que, juntos, pudemos dar às relações entre nossos países o espírito realista e o entusiasmo que nos levaram a tantos resultados positivos.

Senhor Núncio Apostólico, Senhores Chefes de Missão:

Levanto minha taça em honra de Vossas Excelências, pela felicidade das Nações aqui representadas e pela prosperidade de suas relações com o Brasil, em benefício do progresso da humanidade.